

UMA ECONOMIA DE INCLUSÃO

José Maria Raposo



25 anos de um novo pensamento económico e de uma nova vida empresarial em Portugal.

Celebrámos, no passado dia 19 de março, 25 anos desde que Chiara Lubich lançou o desafio aos membros do Movimento dos Focolares, e em particular aos empresários, para que utilizassem as suas empresas no apoio aos mais necessitados, iniciando, assim, o projeto da Economia de Comunhão (EdC). A mensagem de Chiara foi acolhida com grande entusiasmo pelo Movimento em todo o mundo e também em Portugal, onde um grupo de empresários aderiu, com as suas empresas, a esse projeto. Um destes empre-

sários relata assim esse momento: «Chamámos a este anúncio a "Bomba", pois foi uma luz nova para o modo como alguns de nós já procurávamos viver nas nossas empresas».

Trata-se de gerir a empresa com o que é prática comum dos membros do Movimento: a comunhão de bens materiais e espirituais. O apoio aos mais necessitados deveria ser consequência natural da comunhão na vida da empresa. Era, e é, uma revolução no modo de pensar a empresa: na relação entre as funções na empresa, na relação

com as várias partes interessadas (trabalhadores, fornecedores, Estado...), nas finalidades do lucro...

Esta comunhão renova o ambiente empresarial gerando uma "cultura do dar", impulsionando o coração das pessoas à gratuidade. Torna a empresa «veículo de uma nova economia cujos protagonistas são todas as pessoas que a formam», como refere um dos primeiros empresários portugueses a aderir à EdC.

A novidade que a Economia de Comunhão traz suscitou, e continua a suscitar, muitas questões. Não é uma utopia a existência de empresas deste tipo, ainda mais no atual quadro económico de sistema capitalista, onde a maximização do lucro é perseguida como finalidade quase única?

Se entendermos a utopia como algo que ainda não existe completamente, mas que já nasceu, se desenvolverá ao longo do tempo influenciando decisivamente o pensamento e o modo de agir económico atual, podemos afirmar que sim, que a EdC é utopia. Já nasceu, pois aí estão as empresas que já assim vivem, desenvolve pensamento económico em dialética com as experiências que as empresas de EdC realizam, entra em diálogo com todos os outros agentes



50 ANOS EM PORTUGAL

económicos e encontra eco nas novas gerações que nela também se empenham.

O empenho deste grupo inicial de que a EdC enformasse cada vez mais a vida das empresas levou a que, em 2004, três empresários criassem uma nova empresa que teve, posteriormente, a adesão de muitos dos outros, onde todos partilhassem os princípios e objetivos da EdC e pudessem contribuir para a sua concretização. Outras novas empresas foram, entretanto, criadas, reforçando, assim, o projeto em Portugal.

A 6 de novembro de 2010 inaugurou-se o Pólo Empresarial "Giosi Guella" (1), a casa de todos os aderentes à EdC, onde estão sedeadas algumas destas novas empresas, e onde se aprofundam conhecimentos e se trocam experiências. Nessa ocasião, um empresário presente refletia: «Esta é uma pequena luz que é verdadeira e brilha nestes tempos de grandes interrogações para o mundo e para Portugal, e que traz esperança, libertando novas energias para enfrentar os

muitos desafios, com coragem e com o olhar no futuro! É necessário vir cá e ver!».

Em setembro de 2012 realizou-se, no Pólo, a primeira "European Summer School" (Escola de Verão Europeia), com a participação de cerca de 70 pessoas de 18 países, que teve como principais destinatários os jovens. Reproduzimos a opinião de um deles: «Foi uma experiência de aprofundamento e comunhão, não apenas nos conceitos teóricos ou nos *workshops* práticos, mas no cruzar da vida de cada participante, de culturas tão diferentes. Percebi que a EdC está no modo como nos relacionamos com os que estão ao nosso lado, experiência que depois passa para todos os âmbitos da vida profissional e pessoal, mudando a própria empresa e a Economia».

Em março deste ano, num encontro realizado em Loppiano, Itália, com uma representação mundial da EdC de cada país, foi lançado o projeto de criação de uma rede internacional que promova e divulgue os princípios da EdC, e impulse o nascimento

de novas empresas. Em Portugal este projeto já teve a sua fase de definição e prevê-se o início da sua implementação em breve. O Pólo será um dos nós desta rede, onde se realizarão ações de apoio e acompanhamento das iniciativas empresariais.

Este projeto, que consolida o envolvimento da geração que está presente desde o primeiro momento, lança a nova geração perspetivando o aprofundamento e concretização continuada no tempo da EdC.

É um percurso que se vai percebendo com a vida, com as experiências feitas e a sua partilha com outros empresários e interessados na EdC, com a clarificação da ação que o pensamento económico traz, com o diálogo com outras correntes de pensamento e outras realidades que perseguem fins comuns. Mas acima de tudo, com o caminho realizado com aqueles que são os destinatários primeiros desta comunhão: os que, por alguma razão, são os deserdados da vida, para que também eles, construtores da sociedade onde vivem, se sintam parte de uma economia que dignifica a pessoa. ●



1) Giosi Guella (uma das primeiras companheiras de Chiara Lubich) foi definida como "um dos principais pilares do Movimento, com uma missão muito especial". Na verdade, desde 1954 cuidou do aspeto da "comunhão de bens e do trabalho", acompanhando-o em todo o Movimento dos Focolares.